

A Promoção de Competências de Aprendizagem em Redes Sociais. Um Estudo Exploratório no *Facebook* num Curso de Aprendizagem ao Longo da Vida

Cátia Lemos

CLA.SaoJoaodaMadeira@uab.pt

Unidade Móvel de Investigação em Estudos do Local (ELO),
Universidade Aberta, Portugal

Cristina Pereira Vieira

Cristina.Vieira@uab.pt

Unidade Móvel de Investigação em Estudos do Local (ELO)
Universidade Aberta, Portugal

José António Marques Moreira

jmoreira@uab.pt

Unidade Móvel de Investigação em Estudos do Local (ELO)
Universidade Aberta, Portugal

Resumo

A presente investigação tem por objetivo analisar o impacto da utilização da rede social *Facebook*, a nível das competências de aprendizagem de estudantes do ensino superior português (n=14), a partir da análise qualitativa das suas perceções e tendo como referencial de fundo o modelo pedagógico virtual da Universidade Aberta. Os resultados mostram que estes ambientes em rede, ancorados num design centrado no desenvolvimento de competências e num modelo pedagógico baseado nos princípios do construtivismo, da autonomia e da interação, podem ter efeitos muito positivos na perceção das competências de aprendizagem dos estudantes, a nível das dimensões consideradas: *Aprendizagem Ativa, Iniciativa e Autonomia na Aprendizagem*. São discutidas as implicações dos resultados encontrados, tanto do ponto de vista de intervenção prática, quer em termos de investigações futuras.

Palavras-Chave: competências de aprendizagem; redes sociais; ensino superior.

Abstract

The object of this research is to analyze the impact of using the social network *Facebook* in promoting learning skills of Portuguese higher education students (n= 14), based on the qualitative analysis of their own perceptions. The background standards of the research are supported by the “Universidade Aberta- Portugal” virtual pedagogical model. The results show that these network environments - which design is anchored in the development of competences seen from a pedagogical model based in the principles of constructivism, autonomy and interaction - may have very positive effects on the learning skills of the students in the various dimensions taken into consideration: *Active Learning*, *Learning Initiative* and *Autonomy in Learning*. The implications of the results are discussed not only from a practical intervention point of view but also in terms of future research.

Key Words: learning skills; social networks; higher education

Introdução

Nas últimas décadas do século XX, ocorreram grandes avanços tecnológicos, nomeadamente com o aparecimento da *Internet*, que transformaram a sociedade contemporânea e a nossa relação com as tecnologias da informação e comunicação. Esta revolução tecnológica possibilitou novas formas de comunicação e interação, novas formas de acesso à informação e formas diferenciadas de ensinar e aprender. Contudo, o simples uso da tecnologia pela tecnologia não é suficiente para a melhoria dos processos educacionais, tornando-se, por isso, necessárias a reflexão e a mudança das práticas pedagógicas. Com efeito, a relação entre a tecnologia e a pedagogia mudou substancialmente o paradigma a que estávamos habituados, quebrando com a tradição de um ensino unidirecional, do professor enquanto “fonte de saber” para o estudante “recetáculo”; único, feito de uma

“roupagem universal” reflexo de um curriculum pré-determinado; e linear, sustentado no “manual adotado”. Torna-se, por isso, necessário proceder a alterações profundas ao nível da integração de recursos tecnológicos no processo de ensino-aprendizagem.

Com a permanente evolução do contexto digital, as redes sociais têm-se assumido como uma importante alternativa aos contextos organizacionais tradicionais. Neste contexto, se aceitarmos que os ambientes digitais são ferramentas inovadoras para a criação de comunidades de aprendizagem é crucial reconhecer a necessidade de uma nova perspetiva na criação de contextos de aprendizagem. Assim, perceber como se pode ensinar e aprender, formal ou informalmente, em espaços abertos e de aprendizagem colaborativa, em redes sociais na internet, como o *Facebook*, é um dos grandes desafios que se colocam a todos os educadores (MOREIRA & JANUÁRIO, 2014) e foi este também o desafio que nos motivou para o desenvolvimento da presente investigação.

Assim, e tendo presente este desafio desenvolvemos a presente pesquisa que tem como objetivo principal analisar as percepções, relativamente ao impacto e aos efeitos da utilização da rede social *Facebook*, a nível das competências de aprendizagem de estudantes do ensino superior português, em dimensões como a *Aprendizagem Ativa*, a *Iniciativa* e a *Autonomia na Aprendizagem*.

Como quadro concetual tomamos o modelo pedagógico virtual da Universidade Aberta especificamente concebido para ambientes digitais e que se baseia nos princípios do *ensino centrado no estudante*, baseado na *flexibilidade* de acesso à aprendizagem (conteúdos e atividades) de forma flexível, na *interação diversificada* quer entre estudante-professor quer entre estudante-estudante, quer ainda entre o estudante e os recursos e num ensino promotor de *inclusão digital* (PEREIRA *et al.*, 2007). Para além destes princípios, e considerando que o modelo delineado pressupõe a possibilidade de evolução, de acordo com os novos desenvolvimentos que se vão prefigurando, o modelo procurou, ainda: promover uma *experiência educacional de cariz humanista, democrática, horizontal e*

problematizadora, em que o professor e o estudante, criam de forma dialógica, o conhecimento e um diálogo relacional marcadamente horizontal, onde se visualiza o reconhecimento do outro que se enriquece com a inter-relação; promover uma *aprendizagem promotora de multiliteracias e baseada na premissa da inteligência multidimensional*; e promover uma aprendizagem construtivista, colaborativa e alicerçada em comunidades de investigação, partindo do princípio que a aprendizagem baseada em comunidades estimula a reflexão e o discurso crítico, desenvolve a responsabilidade individual e social e fomenta o espírito crítico e criativo.

Assim, com base nestes princípios desenvolvemos um ambiente de aprendizagem em rede para o curso de formação contínua de professores - *Educação Sexual em meio escolar: saberes, afetos e valores*-, integrado na oferta formativa da Aprendizagem ao Longo da Vida da Universidade Aberta, Portugal.

Em síntese, a nossa investigação pretende perspetivar possíveis cenários e *designs* alternativos de aprendizagem em rede, no domínio da pedagogia no ensino superior, estudando o efeito deste ambiente em rede nas competências de aprendizagem dos estudantes, nomeadamente, no que diz respeito à *Aprendizagem Ativa, a Iniciativa e Autonomia na Aprendizagem*, bem como de exploração e aprofundamento das aprendizagens, com reflexo nos resultados esperados.

Redes Sociais: o Facebook em contexto educacional

As redes sociais não são um fenómeno recente, nem tão pouco surgiram com a *web*, sempre existiram na sociedade, motivadas pela necessidade que os indivíduos têm de partilhar entre si conhecimentos, informações ou preferências.

Franco define redes sociais como “um processo de socialização, algum tipo de interação coletiva e social, presencial ou virtual, que pressupõe a partilha de informações, conhecimentos, desejos e interesses” (2012, p. 117).

Por sua vez, Aguiar (2007) considera que as redes sociais podem ser representadas por quatro metáforas – *árvore*, *malha* ou *trama*, *teia* e *rizoma* -, diferenciando-se entre si pela forma como se processa a fluidez da informação entre os nós e os graus de interação entre esses nós. A metáfora árvore diz respeito a uma representação da rede na qual a informação e a comunicação partem de uma “raiz” e se difundem ou disseminam através de “ramos”, ramificando até um certo limite ou desdobrando indefinidamente com a agregação de novos integrantes. A metáfora malha, ou trama, representa as ligações simétricas entre “nós”, em que a informação flui por contágio, de nó em nó; é a representação mais simples da rede. A sua dinâmica é imprevisível, pois assenta no modelo de comunicação viral, como é o caso das petições *online*. Já a metáfora teia pressupõe uma liderança, uma coordenação, um facilitador ou um centro irradiador que distribui mensagens recebidas de qualquer nó para todos os nós da rede, não havendo comunicação direta entre os nós. Por último, a metáfora rizoma assume-se como o padrão mais complexo de rede, pois corresponde a uma multiplicidade de relações assimétricas de comunicação (no tempo e no espaço) levando à multidireccionalidade da informação. Neste modelo de rede não existe um ponto gerador de informação único, pois o fluxo de informações pode partir de qualquer ponto, ou de vários.

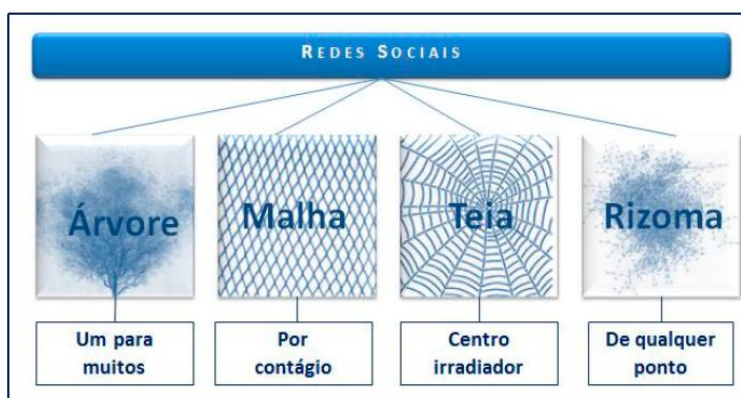


Figura 1: Diferentes configurações das redes sociais, segundo Aguiar (2007)

As redes sociais são parte integrante da vida dos nossos estudantes e entre estas destaca-se o *Facebook* que é uma das redes sociais mais utilizadas em todo o mundo como espaço de partilha, de interação e de discussão de ideias.

Tirando partido da sua crescente popularidade junto dos jovens, os professores têm procurado explorar as potencialidades educativas desta rede. No entanto, tem-se revelado um desafio complexo, porque é necessário que os professores dominem os recursos e aplicativos e os utilizem de forma adequada, sem fazer da rede social apenas um repositório de informação digital estático. Não tendo sido criada com objetivos educativos o desafio é, pois, aproveitar esta tecnologia para construir ambientes de aprendizagem estimulantes.

Assim, torna-se crucial perceber como ensinar e aprender em ambientes desta natureza, nomeadamente no *Facebook*, dadas as potencialidades de interação e sociabilidade que são inerentes a estas redes sociais, as quais possibilitam conceber a educação como um todo, no sentido em que as diferentes aprendizagens – formal, informal e não formal – podem ser integradas no mesmo espaço.

Apesar das potencialidades e da inegabilidade da presença das redes sociais no nosso quotidiano, persiste uma discussão entre os profissionais da educação acerca da utilização das tecnologias da *web 2.0* e dos serviços de *software* social, em especial as redes sociais, em contexto educacional. Se, por um lado, se encontram resistências, por outro lado, o debate surge em torno de como incorporar este *networking* social nas estruturas e nos ambientes de aprendizagem já existentes e, principalmente como coadunar com as práticas pedagógicas dos docentes.

Como já dizia Freire (1997, in MOREIRA & RAMOS, 2014, p. 326): “só pensando criticamente a nossa ação sobre a prática de hoje ou de ontem poderemos melhorar as nossas ações amanhã”.

E apesar desta discussão, tem que se ter presente que os estudantes atuais são também aqueles que utilizam as redes sociais, que estão habituados a

frequentarem múltiplas plataformas em simultâneo, e por isso, quando confrontados com um ensino mais tradicional ou conservador ou até mesmo com plataformas pouco dinâmicas, sentem-se pouco entusiasmados. E é por essa razão que não basta “apenas” utilizar” estas ferramentas, é necessário saber como usá-las adequadamente do ponto de vista pedagógico para potenciar o envolvimento cada vez maior dos estudantes no processo de aprendizagem (MESSIAS & MORGADO, 2014).

Metodologia

Neste estudo pretendemos, fundamentalmente, e como já referido, analisar o impacto da utilização da rede social *Facebook*, a nível das competências de aprendizagem de estudantes do ensino superior português.

A natureza da indagação levou-nos a considerar pertinente uma abordagem como a *Design Based Research* (DBR) que parte do conceito de *design experiments*. De acordo com Wang e Hannafin (2005) esta metodologia de pesquisa em educação predispõe-se a realizar investigação rigorosa e reflexiva para testar e aperfeiçoar ambientes de aprendizagem inovadores. Os professores assumem o papel de co-pesquisadores, contribuindo para o desenvolvimento da teoria do *design*, a fim de conduzir à implementação das inovações.

Trata-se de uma metodologia que procura pesquisar problemas educativos em contextos reais de atuação pedagógica, com vista à resolução de problemas significativos e práticos, conciliando teoria e prática através de uma ligação colaborativa entre investigadores e profissionais que procuram entender, documentar, interpretar e melhorar a prática educativa.

A DBR está associada a uma epistemologia pragmática que considera a teoria de aprendizagem conseguida de forma colaborativa pelos intervenientes no processo, e onde o objetivo da pesquisa é resolver problemas reais, ao mesmo tempo que permite a construção de princípios de *design* que podem influenciar decisões futuras.

Com o intuito de suscitar a emergência de dados referentes ao estudo, recorreremos a uma técnica de investigação capaz de codificar as declarações dos participantes na pesquisa: a análise de conteúdo (BARDIN, 1977; VALA, 1986).

Iniciámos a análise de conteúdo procedendo à leitura flutuante da totalidade das respostas ao inquérito com o intuito de alinhar os temas comuns e de detetar particularidades em função da individualidade dos casos. Posteriormente, iniciámos o processo de sistematização da categorização emergente, procurando respeitar a regra de exaustividade defendida por Bardin (1977) que considera que todos os elementos do *corpus*. Considerando todas as respostas para a categorização e comparação do conteúdo, separámos as unidades de registo do *corpus* em parágrafos e numerámo-las sequencialmente em função do alinhamento das respostas. A análise foi feita em função do quadro de categorias definido, combinando a emergência de novos dados já sugeridos pelo quadro concetual e pela revisão da literatura.

A nossa amostra foi constituída por um grupo de 14 estudantes de um curso de formação contínua de professores -*Educação Sexual em meio escolar: saberes, afetos e valores*-, integrado na oferta formativa da Aprendizagem ao Longo da Vida da Universidade Aberta, Portugal. Nesta ação de formação, que decorreu entre 26 de fevereiro e 27 de maio de 2015, o objetivo principal era preparar um grupo de professores do Ensino Fundamental, em Portugal, para realizarem um projeto de Educação Sexual nas escolas e estarem capacitados para implementarem e desenvolverem o tema da sexualidade nas respetivas escolas.

O instrumento que serviu de base à recolha de dados foi um inquérito por questionário preenchido *online*. Tendo em conta o âmbito e o objetivo do estudo bem como a análise documental de alguns normativos relevantes no contexto em estudo, recorreremos a um instrumento que avalia a competência de autoaprendizagem -*Escala de Competência de Autoaprendizagem*-, construído por Lima Santos, Rurato e Faria (2000) e adaptado por Moreira e Almeida (2011) a ambientes *online*, com o objetivo de avaliar as perceções dos estudantes neste

contexto e que está organizado em três dimensões gerais: (i) *Aprendizagem Ativa*, avalia a percepção da capacidade para aprender em várias situações e com os outros; (ii) *Iniciativa na Aprendizagem* que avalia a iniciativa na escolha das aprendizagens e (iii) *Autonomia na Aprendizagem*, que avalia a autonomia nas aprendizagens em função das necessidades pessoais. Com base nestas dimensões, definimos três questões abertas que constituíram o corpo do inquérito, sendo que: a primeira questão solicitava aos formandos que refletissem sobre as atividades educacionais desenvolvidas no *Facebook*; a segunda questão pedia que se exprimissem sobre a sua iniciativa na escolha das temáticas, tópicos e conteúdos desenvolvidos e a sua iniciativa na colocação de questões ou desafios lançados aos restantes participantes; e, a terceira pedia que refletissem acerca da autonomia que sentiam para selecionar as fontes e os recursos utilizados nas intervenções efetuadas e a gestão realizada nessas participações.

Design do Ambiente Educativo

Antes de conceber o *design* do ambiente educativo do curso, foi necessário ter em conta alguns princípios que podem ser generalizados para ambientes *online*, nomeadamente: (i) o *design* deve centrar-se na aprendizagem, visando atingir objetivos específicos, realizáveis e mensuráveis; (ii) deve centrar-se no desempenho ou realizações significativas; (iii) deve permitir que os resultados sejam medidos de uma forma fiável e válida, desenvolvendo os instrumentos necessários à avaliação do desempenho, e (iv) deve ser empírico e autorregulável.

horizontal ou comparativa com recurso ao método da “análise comparativa constante” (MILES & HUBERMAN, 1994) com o intuito de identificar aspectos comuns e distintivos das representações e percepções destes estudantes. Para o efeito apresentaremos a informação em figuras, com o objetivo de exemplificar a relevância de algumas das suas opiniões, contendo essas figuras a codificação referente à ordem do formando na pesquisa (IQ), a idade do participante, a letra referente ao sexo (F/M) e o registo com excertos do seu discurso. Pensamos que a escolha deste modelo organizativo da informação, permite uma mais adequada visualização do quadro geral representativo das suas conceções.

Assim, na primeira dimensão, *Aprendizagem Ativa*, que comporta as referências às perceções que os formandos têm relativamente ao desenvolvimento do processo de aprendizagem no *Facebook*, os formandos, na sua maioria, consideraram o *Facebook* da ação de formação como um ambiente de aprendizagem dinâmico e ativo, apresentando-se como um ambiente que facilita e motiva a participação e a reflexão sobre as temáticas em debate, nomeadamente através da colocação de comentários. A possibilidade de uso de variados recursos audiovisuais neste espaço também é assinalada como um fator de motivação.

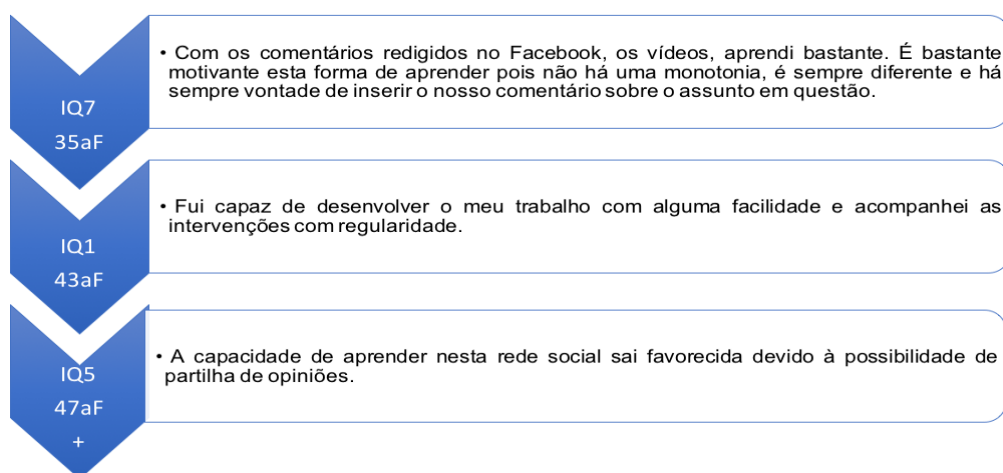


Figura 3: Aprendizagem Ativa

Os formandos referem-se ainda ao *Facebook* como uma ferramenta de trabalho e de partilha que facilita a produção de conhecimento, o acompanhamento das intervenções e a partilha de opiniões, o que corrobora a afirmação de Miranda *et al.* “As redes sociais apresentam-se como um sistema dinâmico e aberto, um espaço fácil e acessível, que proporciona a partilha de informação e de colaboração entre os seus membros” (2011, p. 20).

Contudo, nem todas as respostas vão neste sentido. Uma minoria dos formandos refere que a sua capacidade para aprender não se alterou pelo facto de ocorrer numa rede social. Como se refere no IQ9: “a capacidade de aprender é sempre a mesma, independentemente do contexto” (38aF).

Relativamente às representações relativas à dimensão *Iniciativa na Aprendizagem*, os participantes, na sua maioria, referem que o ambiente potencia a iniciativa, nomeadamente no que diz respeito à aprendizagem e à seleção de informação e das temáticas, assim como na resolução de problemas. Outros destacam, ainda, que o *Facebook* fomenta a iniciativa no que diz respeito à liberdade de escolha, à partilha de recursos e ao trabalho colaborativo, eventualmente, de uma forma mais eficaz do que nos ambientes digitais “fechados”.

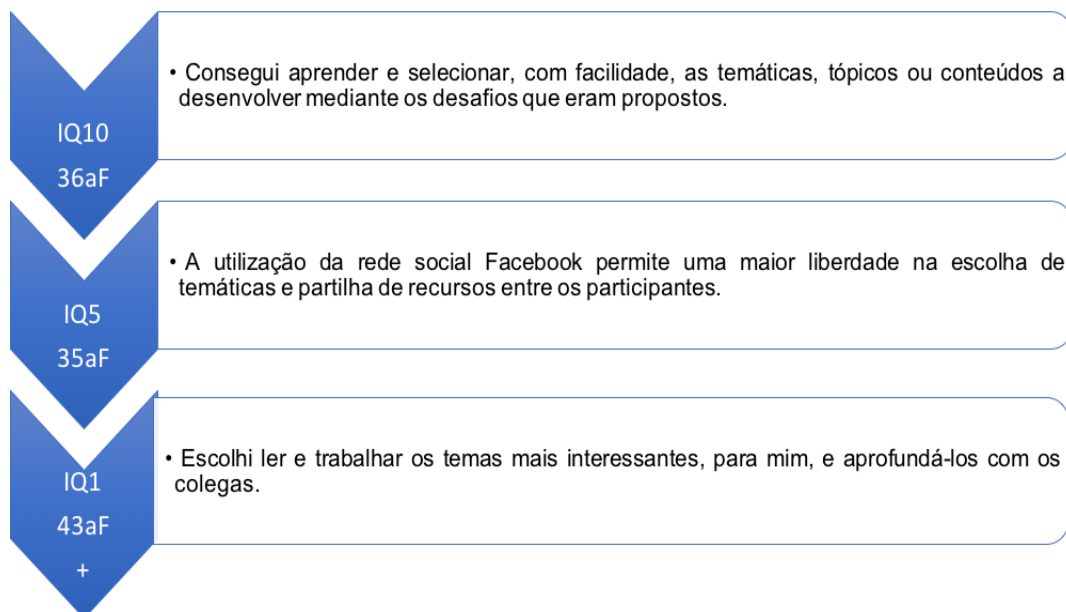


Figura 4: Iniciativa na Aprendizagem

Também na dimensão *Autonomia na Aprendizagem*, os participantes, na sua maioria, e como podemos ver na imagem 6, referem que o *Facebook* lhes proporcionou autonomia no que diz respeito à participação, à partilha de ideias e opiniões e seleção de recursos.

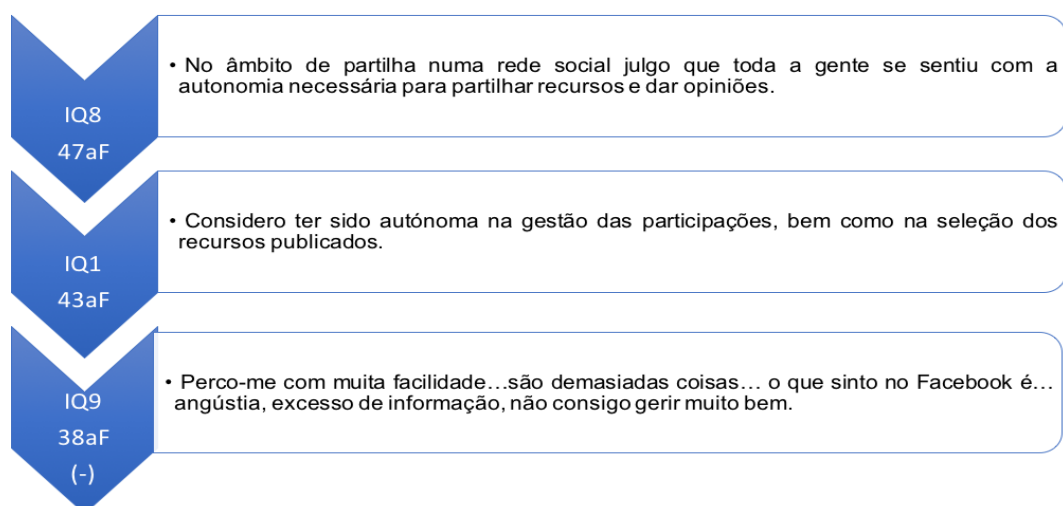


Figura 5: Autonomia na Aprendizagem

Em sentido oposto, e como se pode ler por exemplo no IQ9, alguns participantes também indicaram sentir algumas dificuldades, nomeadamente pela angústia de não conseguirem acompanhar a interação gerada neste espaço.

No entanto, temos de ter algumas reservas na leitura destes registos, porque estes não podem ser lidos, como resultantes de apenas uma variável. Com efeito, tão importante como o ambiente de aprendizagem criado é a abordagem e o modelo pedagógico adotado, sendo que estes resultados parecem ser o efeito da conjugação de uma abordagem que defende princípios associados a uma aprendizagem de cariz humanista, horizontal, democrática, construtivista e colaborativa de aprendizagem e um ambiente propício à interação e à partilha de informação, em diferentes formatos (audiovisuais, multimédia,...).

Na realidade esta abordagem e a adoção deste modelo parece-nos ser determinante, porque permite que o formando tenha uma participação ativa no processo de aprendizagem construindo o seu próprio conhecimento. E para além disso, na nossa opinião, encoraja a autonomia e iniciativa dos estudantes, encoraja os formandos a dialogar com o professor e entre si e estimula a discussão e a assunção de responsabilidades.

Considerações finais

Na sequência da pesquisa realizada, percebe-se a existência de posições diversas em relação à utilização do *Facebook* enquanto ferramenta pedagógica. No entanto uma análise atenta dos resultados permite-nos concluir que este ambiente educacional assente numa abordagem pedagógica centrada nos princípios do construtivismo, da autonomia e da interação tiveram efeitos muito positivos na perceção das competências de aprendizagem da maioria dos formandos. Na realidade, as perceções de tendência negativa registadas prenderam-se mais com sentimentos de angústia e inquietação relacionados com o acompanhamento das

atividades e das interações desenvolvidas neste espaço, nomeadamente no que diz respeito à gestão do tempo.

Pudemos concluir, através da análise dos resultados, que os formandos consideraram o ambiente criado no *Facebook* como muito dinâmico e interativo, promovendo a participação e a aquisição das competências de aprendizagem analisadas: *aprendizagem ativa, iniciativa e autonomia*.

Neste sentido, outros estudos já realizados em Portugal também apontam para o potencial educativo do *Facebook*, designadamente o de Patrício e Gonçalves que concluíram que a rede fomenta uma participação mais ativa dos estudantes na sua própria aprendizagem, na partilha de informação e na geração de conhecimento, na aprendizagem colaborativa e cooperativa e no desenvolvimento de competências digitais e sociais para uma participação plena na sociedade da informação e do conhecimento (2010, p. 597).

Também Matos e Ferreira (2014) destacam algumas das potencialidades educativas do *Facebook*, nomeadamente o facto de promover o desenvolvimento de competências comunicacionais; de facilitar a troca de informações; de permitir uma participação ativa no processo educacional; de promover a autonomia do estudante no processo de aprendizagem; e de permitir a construção coletiva do conhecimento e aceitação das diversidades e das diferenças entre os estudantes.

Terminamos, referindo que as redes sociais, como o *Facebook*, permitem equacionar o processo pedagógico de forma diferente. No entanto, a mudança não deve ser vista só do ponto de vista tecnológico, mas também em termos de teoria e de prática. Não basta apenas usar o *Facebook*, é necessário enquadrá-lo numa abordagem e num modelo que defenda uma visão de aprendizagem assente não apenas na aquisição de conteúdos e conhecimentos, mas também no desenvolvimento de competências de aprendizagem. Vários estudos internacionais, como o *Partnerships for the 21st Century Skills* (P21) (<https://www.21stcenturyskills.org>) ou o estudo da *Rede Europeia de Políticas sobre as Competências Essenciais na Educação Escolar* (KeyCoNet)

(<http://keyconet.eun.org/>), apontam para domínios comuns, como as *Competências Comunicacionais*, referentes à capacidade de comunicação oral e escrita, de literacia para as tecnologias e para os média; as *Competências de Raciocínio e Resolução de Problemas* e as *Competências Interpessoais e de Autodirecionamento*, referentes à colaboração e trabalho em equipa, à sensibilidade e responsabilidade social, à adaptação e flexibilidade, à curiosidade e criatividade e, à autonomia, e iniciativa, competências estas analisadas neste texto com maior destaque.

Na realidade, sendo a perceção das competências um indicador de eficácia, o que valida, em certa medida, abordagens e modelos centrados no desenvolvimento de competências, verificámos que, na sua maioria, os formandos que experienciaram a aprendizagem na rede social *Facebook* apresentaram uma perceção favorável na capacidade para aprenderem de forma autónoma e ativa.

Com efeito, e como temos vindo a referir as tecnologias digitais vieram revolucionar a nossa vida originando mudanças profundas no campo educativo. Estamos cientes que estas mudanças implicam, também, alterações culturais, pois obrigam a repensar constantemente os papéis dos professores e dos estudantes e a relação existente entre eles, para além das implicações que devem ser concretizadas no plano da estruturação e planificação de cursos e currículos, sistemas de avaliação, formas de ensinar e aprender e metas a atingir.

Bibliografia

AGUIAR, S. Redes sociais na internet: desafios à pesquisa Intercom. **Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. 2007. Disponível em: <http://www.ciseco.org.br/index.php/artigos/105-redes-sociais-na-internet-desafios-a-pesquisa> [acedido em 29-10-2017]

BARDIN, L. *L'analyse de contenu*. Paris: PUF. 1977.

FRANCO, I. Redes sociais e a EAD. In M. Fredric & Formiga, M. (orgs.). **Educação a Distância: o estado da arte**. São Paulo: Pearson, 2012.

LIMA SANTOS, N.; RURATO, N.; FARIA, L. Educação e aprendizagem de adultos: avaliação do autoconceito de competência cognitiva e da autoaprendizagem. **Revista Galego-Portuguesa de Psicoloxía e Educación**, vol. 6, nº 4, p. 649-656, 2000.

MATOS, E.; FERREIRA, J. A utilização da rede social Facebook no processo de ensino e aprendizagem na universidade. In C. Porto & E. Santos, (Orgs.) **Facebook e educação: publicar, curtir, compartilhar** [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2014, p. 387-402.

MESSIAS, I.; MORGADO, L. Facebook + LMS: cenários para o envolvimento do estudante na aprendizagem a distância. In C. Porto & E. Santos (Orgs.) **Facebook e educação: publicar, curtir, compartilhar** [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2014, p. 403-427.

MILES, M.; HUBERMAN, A. Drawing valid meaning from qualitative data: toward a shared craft. **Educational Researcher**, vol. 13, nº 5, 1984. p. 20-30.

MIRANDA, L.; MORAIS, C.; ALVES, P.; DIAS, P. Redes sociais na aprendizagem. In D. Barros *et al.* **Educação e Tecnologias: reflexão, inovação e práticas**, Lisboa, 2011, p. 2-22. Disponível em https://bibliotecadigital.ipb.pt/bitstream/10198/4687/3/EBook_RedebesSociaisAprendizagem.pdf. [acedido em 13-10-2017]

MOREIRA, J. A.; ALMEIDA, A. C. Self-concept of competence of higher education students learning in virtual environments. In A. Méndez-Vilas, A. (Ed.) **Education in a technological world: communicating current and emerging research and technological efforts**, 2011. Disponível em http://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/2891/1/Cap.Livro_formatex_publicado.Jan2012_399-405.pdf. [acedido em 15-10-2017]

MOREIRA, J. A.; JANUÁRIO, S. Redes sociais e educação: reflexões acerca do *Facebook* enquanto espaço de aprendizagem. In C. Porto & E. Santos (Orgs.).

Facebook e educação: publicar, curtir, compartilhar [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2014, p. 67-84.

MOREIRA, L.; RAMOS, A. Facebook na formação contínua de professores para o uso de tecnologias digitais. In C. Porto & E. Santos (Orgs). **Facebook e educação: publicar, curtir, compartilhar** [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2014, p. 313-328.


PATRÍCIO, R.; GONÇALVES, V. **Facebook: rede social educativa?** Biblioteca DigitalIPB online. Lisboa: Universidade de Lisboa, 2010. Disponível em <http://educaremp processo.com.br/WordPress/wp-content/uploads/2013/07/Facebook-rede-social-educativa.pdf>. [acedido em 20-10-2017]



PEREIRA, A. *et al.* **Modelo pedagógico virtual da Universidade Aberta**. Lisboa: Universidade Aberta, 2007. Disponível em <https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/1295/1/Modelo%20Pedagogico%20Virtual.pdf>. [acedido em 20-10-2017]

VALA, J. A análise de conteúdo. In Silva, A. & Pinto, J. (orgs.), **Metodologia das Ciências Sociais**. Porto: Edições Afrontamento. 1986.

WANG, F.; HANNAFIN, M. J. Design-based research and technology-enhanced learning environments. **Educational Technology Research and Development**, vol. 53, nº 4, 2005, p. 5-23.

Sobre os autores

	<p>Cátia Lemos</p> <p>Mestre em Comunicação Educacional Multimédia pela Universidade Aberta e Licenciada em Sociologia. Pós-Graduada em Abordagens e Modelos de Intervenção na Adolescência e Bacharelato em Acção Social. Coordenadora do Centro Local de Aprendizagem da Universidade Aberta em São João da Madeira, Portugal, desde 2010.</p>
---	---

	<p>Cristina Pereira Vieira</p> <p>Doutorada em Sociologia. Professora Auxiliar no Departamento de Ciências Sociais e Gestão da Universidade Aberta. Investigadora no Centro Interdisciplinar de Estudos de Género (CIEG) do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade de Lisboa e no Centro das Migrações e das Relações Interculturais (CEMRI) da Universidade Aberta.</p>
	<p>José António Marques Moreira</p> <p>Doutorado e Mestre em Ciências da Educação pela Universidade de Coimbra (UC). Licenciado em História da Arte pela UC e Pós-Doutorado em Tecnologias Educacionais e da Comunicação também pela UC. Possui Curso de Mestrado em Multimédia pela Universidade do Porto. É Professor Auxiliar, de nomeação definitiva, no Departamento de Educação e Ensino a Distância (DEED) da Universidade Aberta (UAb). Atualmente é Diretor da Delegação Regional do Porto da UAb e Coordenador da Unidade de Desenvolvimento dos Centros Locais de Aprendizagem (UMCLA) da mesma universidade. É Coordenador Científico da Unidade Móvel de Investigação em Estudos do Local (ELO) da UAb e investigador no Grupo de Políticas e Organizações Educativas e Dinâmicas Educacionais (GRUPOEDE) do Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX (CEIS20) da UC e no Laboratório de Educação a Distância e <i>eLearning</i> (LE@d) da UAb. É Coordenador do Núcleo de Estudos de Pedagogia do Ensino Superior, sediado no CEIS20 da UC.</p>

Revista EducaOnline Volume 12, Nº 1, Janeiro/Abril de 2018. ISSN: 1983-2664. Este artigo foi submetido para avaliação em 06/10/2017. Aprovado para publicação em 21/12/2017.